



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

470 anos do 2º Governo Geral do Brasil com Duarte da costa - 460 anos do Armistício de Iperoígue - 400 anos do início da penetração de Bento Parente, Pedro Teixeira e Luis Aranha pelo rio Amazonas e fundação dos fortes de Desterro e Gurupá - 380 anos da criação do Conselho Ultramarino em Portugal - 320 anos do Tratado de Methuen - 270 anos do início da construção do Forte Jesus Maria José de Rio Pardo - 260 anos da elevação do Brasil a Vice-Reino - 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva - 200 anos das vitórias nas guerras de independência (BA, MA, PI, PA e Cisplatina) - 180 anos do início das operações de Caxias contra a Revolução Farroupilha - 170 anos do rompimento das relações diplomáticas com a Inglaterra em função da Questão Christie - 120 anos da ocupação do Acre pelo Brasil - 100 anos da Revolução de 1923 no RS - 80 anos da criação da FEB - 50 anos do Acordo de Itaipu com o Paraguai

ANO 2023

Novembro

Nº 441

Nota do Editor: fechando o ciclo das publicações referentes ao Centenário da Revolução de 1923 no RS publicamos nesta edição mais dois trabalhos, sujeitos às críticas dos mais versados no tema, mas ainda assim valiosos para a compreensão do processo histórico. Vale ressaltar que existem muitas obras à disposição dos interessados, principalmente na Livraria Martins Livreiro, Rua Riachuelo, Centro Histórico de Porto Alegre.

REVOLUÇÃO DE 1923 NO RIO GRANDE DO SUL - A DEFESA DE URUGUAIANA -

José Alberto Leal¹

RESUMO

O artigo tem por propósito analisar a defesa da cidade de Uruguaiana por partidários do Partido Republicano Riograndense (PRR), em face da ação de opositoristas ao governo estadual num ataque à cidade, no contexto da Revolução de 1923, no Rio Grande do Sul (RS). Para tanto, aborda o governo Júlio de Castilhos (1889 - 1898) e de seu sucessor Borges de Medeiros até o deflagrar da dita Revolução. Na sequência, discorre sobre as forças em presença, as principais lideranças e os combates em Uruguaiana, concluindo sobre suas consequências para o prosseguimento das ações. Baseou-se em pesquisa bibliográfica e em sítios da Internet.

¹ General de Brigada Veterano, Membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil - cadeira 149.

1. PREÂMBULO

Muitos foram os movimentos políticos, armados ou não, que agitaram o cenário político brasileiro no primeiro quartel do Séc. XX. Esses movimentos, a maioria de caráter regional, tiveram repercussão nacional e, de uma certa forma, criaram o caldo de cultura que deu origem à Revolução de 1930, que mudou a fisionomia política do país.

Este trabalho propõe-se a, no cenário do movimento de oposição ao Governo Borges de Medeiros em 1923, com foco nos combates em Uruguaiana, identificar as lideranças participantes, acompanhar o desenvolvimento das operações pela Fronteira Oeste do RS, concluindo sobre seu impacto no desenrolar do movimento.

2. TUDO COMEÇOU MUITO ANTES

Não é possível compreender a Revolução de 1923 sem analisar-se a Revolução de 1893, pois que as causas da primeira brotam das consequências da segunda. Necessário esclarecer que adotaremos o termo revolução, pois assim são tratadas nos livros de história ainda que, tecnicamente, não o foram, por lhes faltar o caráter de objetivarem mudanças profundas no sistema político-social vigente.

Durante todo o período da Primeira República, o Rio Grande do Sul teve um único partido político ocupando o governo do Estado, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), criado em 1882, fundamentado no positivismo, no presidencialismo e na independência dos estados ante o governo central. A ele, desde logo se opôs o Partido Federalista do Rio Grande do Sul (PF), nascido em 1892, com tintas monarquistas e que propugnava pelo parlamentarismo e pela revisão da Constituição.

Júlio Prates de Castilhos liderava o PRR, cujos correligionários eram conhecidos por “castilhistas” e, de forma pejorativa, “pica-paus”. O PF era conduzido por seu fundador, Gaspar Silveira Martins, e seus adeptos, “gasparistas” ou “maragatos”.²



Fig. 1 -Júlio de Castilhos

A reassunção do governo do estado em 1893 por Júlio de Castilhos levou a que seus adversários políticos se exilassem no Uruguai e na Argentina, prática comum na política e vida gaúcha daqueles tempos e de lá intentassem uma ação armada para a derrubada do governo castilhista, estopim da eclosão da Revolução de 1893, também chamada Revolução Federalista ou Revolução da Degola, prática desumana exercida pelos dois lados contra o inimigo capturado e que nos combates do Boi Preto e do Rio Negro tomou proporções assustadoras. Deflagrada a revolução, os lenços de pescoço, branco para os pica-paus e vermelho para os maragatos, não eram simples acessórios ou item de moda. Sua cor atribuía identidade ao portador e se tornaram verdadeiras bandeiras de guerra e, ainda nos tempos que correm, identificam a ascendência dos que os envergam.³

A Revolução Federalista terminou em agosto de 1895, com a vitória dos republicanos (pica-paus) e teve início o período castilhista, durante o qual Júlio de Castilhos consolidou seu poder, não só no PRR, como também no estado, utilizando-se da estrutura do governo e das regras políticas de então para impedir o acesso de adversários a posições importantes.

Ao aproximar-se o final de seu último mandato, escolheu como sucessor Antônio Augusto Borges de Medeiros, justamente o mais jovem entre os republicanos tradicionais. Duas versões existem sobre esta decisão. A primeira, difundida pelos aliados, é de que entre ambos havia afinidades ideológicas, pois eram positivistas. A outra, propalada pelos adversários, é de que “decorrera da circunstância de ser o último mais

² MOREIRA, Regina da Luz – **Revolução Gaúcha de 1923** – CPDOC – FGV, disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLUÇÃO%20GAÚCHA%20DE%201923.pdf>. Acesso em 01 set. 2023.

³ Id. Ibidem.

acessível e mais dócil à continuidade da liderança do ‘patriarca’, o que lhe permitiria continuar determinando os rumos da política gaúcha”.

Os fatos parecem corroborar a segunda hipótese pois, após a posse de Borges em 1898, Castilhos seguiu no controle do PRR até sua morte em 1903.⁴

Borges de Medeiros mostrou ter aprendido bem as estratégias e condutas castilhistas, pois manteve-se no governo do estado até 1928 (exceto em um mandato), em sucessivas reeleições, muitas como candidato único pois, nem a oposição tinha forças para fazer-lhe frente, nem os dissidentes do PRR conseguiam apresentar candidatura alternativa. Consolidou a estrutura política do estado e reorganizou a administração pública e a economia gaúchas, valendo-se das prerrogativas dadas pela Constituição estadual de poder anular decisões tomadas por autoridades locais.



Fig 2 -Borges de Medeiros

3. A CONJUNTURA POLÍTICA NO RS NO ANO DE 1922

Em meados de 1922, Borges de Medeiros, mais uma vez, lançou-se candidato pelos republicanos, no que seria sua quinta eleição para Governador. O cenário político-econômico era desfavorável às suas pretensões, por três circunstâncias. A primeira, o descontentamento pelas sucessivas reeleições, pejada de fraudes, conforme afirmavam os adversários. A segunda, a crise na pecuária, provocada pela redução drástica da exportação de carne bovina para a Europa pelo término da I Guerra Mundial e o desagrado dos pecuaristas com a atuação do governo estadual, que foi de pouca ou nenhuma valia. A última, a eleição de Artur Bernardes para presidente da República, que recebera o

apoio da oposição gaúcha.

Esse panorama animou os antiborgistas a escolher um candidato capaz de unir suas três principais vertentes: os federalistas, os antigos democratas de Joaquim Francisco de Assis Brasil e a dissidência republicana. O nome escolhido foi o de Assis Brasil, lançado candidato via um manifesto em outubro de 1922. Assis Brasil tinha vasta experiência política, tendo ocupado cargos de Deputado provincial e federal, além de ter atuado em funções de viés diplomático para o governo federal.⁵

As eleições, realizadas em novembro, se deram num ambiente tensionado por boatos de eclosão de um levante contra o governo estadual e seguidas por acusações de fraude de parte a parte. A Comissão de Apuração, formada por três deputados republicanos, sob a presidência de Getúlio Vargas, deu a vitória a Borges de Medeiros, após uma contagem de votos que durou quase dois meses. O fato de Assis Brasil só ter vencido em um município, apesar da forte influência que tinha na região da campanha e na capital, era a comprovação da fraude, alegavam os opositoristas. Isto tensionou ainda mais a situação e, em 25 de janeiro de 1923, quando Borges de Medeiros tomava posse, simultaneamente, estourou a Revolução, sob a liderança geral de Assis Brasil.⁶

Tendo em vista sua inferioridade em pessoal, armamento e material, o comando revolucionário decidiu adotar a estratégia de evitar confrontos diretos e de realizar operações de mobilidade, fustigando os contrários, enquanto aguardava a intervenção federal do governo Artur Bernardes. Suas forças foram organizadas em colunas, distribuídas pelas diferentes regiões geográficas do Estado:

“Leonel Rocha (Norte), Felipe Portinho (Nordeste), Honório Lemes (fronteira Sudoeste), Estácio Azambuja (Centro Sul) e Zeca Netto (Sul). Esses grupos possuíam centenas de combatentes. A

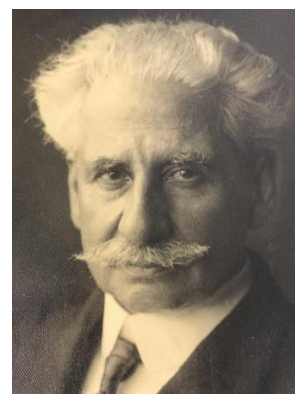


Fig 3 – Assis Brasil

⁴ MOREIRA, Regina da Luz – **Revolução Gaúcha de 1923** – CPDOC – FGV, disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLUÇÃO%20GAÚCHA%20DE%201923.pdf>. Acesso em 01 set. 2023.

⁵ WIKIPEDIA, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Francisco_de_Assis_Brasil. Acesso em 02 set 2023.

⁶ MOREIRA, Regina da Luz – **Revolução Gaúcha de 1923** – CPDOC – FGV, disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLUÇÃO%20GAÚCHA%20DE%201923.pdf>. Acesso em 02 set. 2023.

mais famosa e a que ocupou o maior número de cidades foi a Coluna do General Honório Lemes, o ‘Leão do Caverá’.⁷

As partes em luta eram conhecidas por apelidos e (em geral) pelas cores dos lenços, herança da revolução de 1893. Os republicanos e seus aliados eram chamados “chimangos (ou ximangos)” e usavam lenços brancos ao pescoço. Seus opositores eram os “maragatos”, distinguidos pelos lenços vermelhos. Ambos os apelidos eram depreciativos. Chimango, uma ave de rapina, fazia alusão ao poema satírico “Antônio Chimango” que atacava o Governador, e maragato referia os mercenários uruguaios, a maioria proveniente de uma região do Uruguai colonizada por espanhóis oriundos da Maragateria, comarca espanhola.

4. HOMENS E ARMAS NA FRONTEIRA OESTE

A região da Fronteira Oeste localiza-se no SO do Rio Grande do Sul tendo, em 1923, sete municípios: Uruguaiana, Itaqui, Quaraí, Santana do Livramento, Alegrete, Rosário e São Gabriel. Tem cerca de 300 km na maior dimensão (SE-NO) e de 170 km na direção S-N.

Em 1923, havia uma estrada carroçável ligando Uruguaiana a Alegrete e daí a Rosário e São Gabriel. Entre Uruguaiana e Alegrete saía uma variante para Quaraí e Livramento. A região faz parte do pampa gaúcho, caracterizado pelo relevo suave, de campos nativos. O acidente orográfico de destaque é a Serra do Caverá, entre Alegrete e Livramento. Os principais rios no interior do polígono são o Ibicuí ao Norte, o Ibirapuitã e o Santa Maria no centro-sul da área. A região faz fronteira com o Uruguai ao S e com a Argentina a O.

O gaúcho maragato Honório Lemes era tropeiro⁸, pequeno estancieiro e um líder natural. Liderança comprovada na Revolução Federalista e legitimada por seus seguidores, o que lhe garantiu estar à frente da Coluna da Fronteira Sudoeste ou ainda Exército Libertador do Oeste, como foi chamada a tropa sob seu comando, além da direção do Diretório do Partido Federalista em Rosário do Sul-RS⁹.



Fig 4 - Honório Lemes

“Honório Lemes não tinha o aspecto dos caudilhos tradicionais. Tratava qualquer soldado como um igual. O efetivo de sua tropa chegou a atingir cerca de 3 mil homens. Lemes era um chefe carismático. Usava um linguajar típico, era sagaz e inteligente, ditava as ordens com termos adequados, frases sóbrias ritmadas e pausadas, indicando uma espécie qualitativa da pontuação, mesmo sendo quase analfabeto. Seu amplo conhecimento do território pampeano deu a ele uma grande vantagem com relação aos seus perseguidores”.¹⁰

Por seus ideais libertários e sua atuação na Revolução de 23 foi cognominado “Leão do Caverá” e “Tropeiro da Liberdade”.

⁷ TEIXEIRA, Paulo César. **Revolução de 1923: a última guerra civil que separou os gaúchos**. Publicado em GZH Almanaque, edição de 23/01/2023. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2023/01/revolucao-de-1923-a-ultima-guerra-civil-que-separou-os-gauchos-cld9d2itd0030014szsas86aq.html>.

Acesso em 03 set. 2023

⁸ Tropeiro – o que fazia o transporte de gado vacum, equino ou asinino.

⁹ SANTOS, Marisa E. Simon dos. **Honório Lemes, um líder carismático: relações de poder no Rio Grande do Sul 1889/1930** – 2. ed. rev. ampl. – Porto Alegre: Martins Livreiros, 2015. 139 p. p.14 e 61.

¹⁰ LEMES, Leonardo, **Os cem anos da Revolução de 1923, a terceira e última grande guerra gaúcha**. GZH comportamento, edição de 03/02/2023. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2023/02/os-cem-anos-da-revolucao-de-1923-a-terceira-e-ultima-grande-guerra-gaucha-cldlmqna9000q01579wq6ckyv.html>. Acesso em 02 set. 2023

Sua tropa era bastante heterogênea, contando com figuras de destaque no PF e no estado, como o Deputado Gaspar Santana Saldanha, Adalberto Corrêa, João Batista Luzardo, que na era Vargas teria grande destaque, e gente comum, partidários, vizinhos e amigos.



Fig 5 – Lanceiros de Honório Lemes

Chegou a ter cerca de 3.000 homens, mas para as ações em Uruguaiana foram empregados 2.000. Seu armamento era pouco e obsoleto, a maioria remanescente de 1893. De uma maneira geral, o armamento consistia em revólveres, carabinas e poucos fuzis, além de lanças e espadas.



Fig 6 – Flores da Cunha

A munição era pouca e o ressuprimento difícil. A tropa movia-se a cavalo, opção facilitada pelo grande número de equinos existentes na área, o que facilitava sua substituição. Dinheiro, roupas e mantimentos eram obtidos por contribuição de simpatizantes e, mediante requisição, nome pomposo para o saque, das propriedades dos adversários.¹¹

José Antônio Flores da Cunha era natural de Santana do Livramento-RS, de família estancieira, culta e republicana. Formou-se advogado, foi delegado de polícia no Rio de Janeiro, deputado estadual e federal. Em 1923, era o intendente (prefeito) eleito de Uruguaiana. Flores da Cunha foi, sem dúvida, um homem de gestos e gostos arrebatados, dotado de bravura pessoal, firmeza de atitudes e esmerada cultura, além de administrador público criterioso e proficiente e político de visão descortinada¹². Era também famoso por seu apego às mulheres, aos jogos de cartas e roleta e às corridas de cavalos. Conta-se que, já no final da vida, questionado por um jornalista sobre como havia perdido sua fortuna, respondeu, num átimo: “Cavalos lentos e mulheres rápidas.”.

Preocupado com os informes que davam conta de iminente rebelião pelos liderados de Assis Brasil, Flores da Cunha conseguiu que o governador lhe franqueasse um cheque no valor de setenta e cinco contos de réis, emitido contra o Banco Holandês de Buenos Aires. Com esse cheque, Flores seguiu, incógnito, para Buenos Aires, onde adquiriu 400 fuzis Mauser, 400 sabres-baionetas e 120.000 cartuchos calibre 7,65 e acompanhou pessoalmente seu transporte até Paso de los Libres, daí cruzando o Rio Uruguai em dois barcos, sempre de forma sigilosa, sendo (os fuzis) armazenados em um depósito municipal, sob guarda. Este material bélico faria grande diferença nos combates que se seguiram, compensando o reduzido efetivo das forças republicanas na cidade.¹³

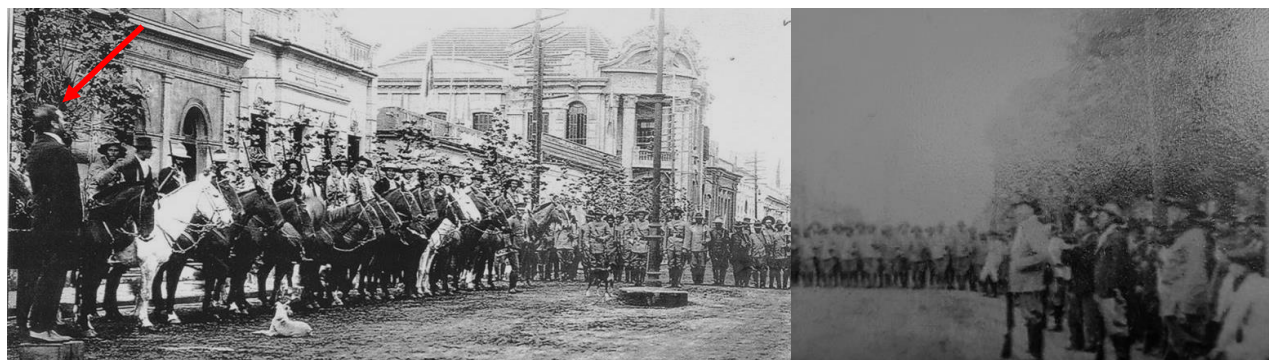


Fig 6 – Flores da Cunha discursa para as forças republicanas, no centro de Uruguaiana.

(Trata-se de montagem de duas partes da foto, obtidas separadamente.)

¹¹ SANTOS, Marisa E. Simon dos. **Honório Lemes, um líder carismático: relações de poder no Rio Grande do Sul 1889/1930** – 2. ed. rev. ampl. – Porto Alegre: Martins Livrários, 2015. 139 p. p. 61 a 63.

¹² SCHIRMER, Lauro. **Flores da Cunha: de corpo inteiro**. 3. ed. – Porto Alegre: RBS Publicações, 2008. p. 11 a 19.

¹³ Idem p.45 a 48

Flores dispunha de um número restrito de combatentes. Cerca de 700, segundo Raul Pont, no livro *Campos Realengos* vol. II, ou 400, conforme afirma o próprio Flores da Cunha, em depoimento transcrito em livro¹⁴. Esse efetivo era composto por 40 homens da Brigada Militar (a Polícia Militar do RS), integrantes da Guarda Municipal e a Guarda Republicana, formada por civis de Uruguaiiana e de Itaqui, trazidos por Oswaldo Aranha. Esta tropa não tinha problemas no abastecimento logístico, pois estava em sua própria cidade e contava com os meios da Intendência Municipal.¹⁵

É importante destacar que, em ambas as forças, não havia militares de carreira e, conseqüentemente, pessoas com conhecimento da arte da guerra. Dessa forma, as decisões eram tomadas com base nos relatos de ações em revoluções anteriores, no tirocínio de cada comandante e no bom senso - ou falta dele.

Durante toda a revolução, não houve participação explícita de tropas federais, por determinação de Artur Bernardes para que não houvesse intervenção dos militares do Exército, ainda que seja voz corrente que nos quartéis, havia parentes e amigos dos beligerantes que, de forma sub-reptícia, buscaram formas de ajudá-los.

5. O CERCO DE URUGUAIANA

Na tarde do dia 2 de abril de 1923¹⁶, Flores da Cunha tomou conhecimento que uma coluna maragata, de grande efetivo e a comando de Honório Lemes, saíra de Quaraí para atacar Uruguaiiana. A vanguarda dessa força, muito adiantada, estava a cerca de 10 km da cidade, mas o grosso da força, pela distância, só teria condições de atacar a partir do amanhecer do dia seguinte. Face à esta situação foi determinado o estabelecimento de uma linha de trincheiras entre o Matadouro Municipal e o Arroio Salso de Cima (cerca de 2 km), cortando a estrada que demandava Alegrete, por onde, obrigatoriamente deveriam vir os maragatos.¹⁷

Por volta das oito horas do dia 3, a vanguarda, a comando do Dr. Adalberto Corrêa - político quaraiense - atacou, sendo repelida pelo fogo eficaz dos fuzis Mauser. Outros dois ataques se seguiram, empregando o grosso da tropa, sendo igualmente rechaçados. Num desses ataques, os revoltosos tentaram direcionar sobre as trincheiras uma manada de gado estourada, mas a manobra não deu certo.

Com a chegada da noite, interromperam-se os combates e Flores da Cunha remanejou seus seguidores, reforçando as trincheiras no interior da cidade, enquanto as forças atacantes acampavam nos arrabaldes ao Sul da cidade.

Na manhã do dia seguinte, ataque das tropas libertadoras que, pelo lado Oeste da cidade, visava a penetrar até o centro pela Rua Gen Bento Martins, foi detido na altura do Colégio Santana. Pela tarde, um contra-ataque chimango levou os atacantes, depois de repelidos, a entrar em posição na Coxilha do Maragato, elevação onde hoje está situado (hoje) o Hospital de Guarnição de Uruguaiiana, sendo mais tarde recalçados mais para o Sul. A ação defensiva foi facilitada pela atuação do Dr. João Fagundes que, munido de binóculos e instalado em uma das torres da Igreja Matriz, ponto mais elevado da cidade, informava a Flores os movimentos e localização das tropas adversárias.

No dia 5, vários ataques foram tentados contra a trincheira localizada duas quadras ao sul do antigo Mercado Municipal (hoje instalações da AES Sul), numa área balizada pela Rua Gen Canabarro. Da violência desses ataques ficaram, sobre a trincheira, os corpos de nove cavalos e de seus cavaleiros, mortos na tentativa de saltá-la. Na madrugada do terceiro para o quarto dia, as tropas de Honório Lemos levantaram acampamento e retraíram para Quaraí e para o Alegrete, encerrando o cerco.¹⁸

¹⁴ VILLELA, Urbano Lago et al. **Uruguaiiana- imagem viva da terra gaúcha**. Câmara Municipal de Uruguaiiana. Uruguaiiana:1982. 188 p.

¹⁵ SILVA, Lúcia Silva e. **Uruguaiiana e seus coronéis**. Porto Alegre: L.S.S. Evangraf, 2001. P. 93.

¹⁶ Há divergências sobre esta data. Alguns autores apontam este dia como 29 Mar. Ou 03 abr. O próprio Flores da Cunha, em seu depoimento, não cita data.

¹⁷ VILLELA, Urbano Lago et al. **Uruguaiiana- imagem viva da terra gaúcha**. Câmara Municipal de Uruguaiiana. Uruguaiiana:1982. p. 105 e 106.

¹⁸ CONSTANT, Ubirajara Raffo. **Pampa em 23**. Porto Alegre: Edigal: Renascença, 2004. p.357.



Fig 7 – Trincheira republicana em Uruguaiana

Para comemorar o sucesso, Flores da Cunha instalou, na sede do PRR uma faixa com a frase: “Uruguaiana, cidade invicta”. Entende-se o arroubo, típico da personalidade deste caudilho, mas a frase é um erro histórico, já que Uruguaiana foi tomada pelos paraguaios em 1865.

Mas os combates tiveram também o seu lado cômico. Durante as ações na Coxilha do Maragato, foi capturado um combatente libertador que tentava se esgueirar pelas fileiras republicanas travestido de mulher, inclusive com ruge e batom. O andar canhestro e sobretudo o farto bigode o traíram e provocaram sua prisão.¹⁹

6.

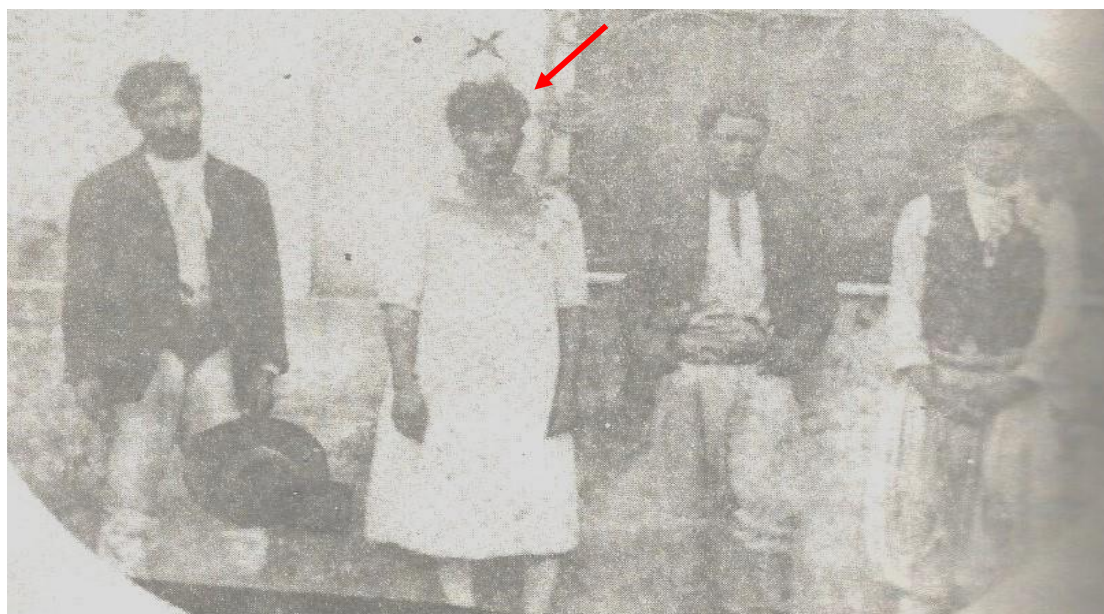


Fig 8 – Prisioneiros maragatos. Entre eles, o travestido de mulher

Retraindo o inimigo, Flores da Cunha recebeu o posto de Coronel e, posteriormente, o

¹⁹ CONSTANT, Ubirajara Raffo. **Pampa em 23**. Porto Alegre: Edigal: Renascença, 2004. p.357.

comando da chamada Brigada do Oeste, com a missão de perseguir as tropas de Honório Lemes, que se homiziara na Serra do Caverá, terreno do qual o líder maragato era grande conhecedor. Valendo-se desse conhecimento, manteve-se sempre em movimento, evitando combates decisivos e fustigando as forças republicanas, quando possível.

No combate da ponte do rio Ibirapuitã, em Alegrete, quando os chimangos, Flores da Cunha à testa, realizaram uma carga sobre a ponte, com o inimigo instalado na outra cabeceira, tiveram muitas baixas, mas os margatos tiveram de ceder e recuar, prosseguindo para a região das Missões e, em seguida, retornando à fronteira Oeste, seguindo com suas táticas evasivas, até o final daquele ano.

A assinatura do Pacto de Pedras Altas, em 14 de dezembro de 1923, acordo entre os beligerantes mediado pelo então Ministro da Guerra, Gen Setembrino de Carvalho, emissário de Artur Bernardes, trouxe uma paz relativa e não agradou plenamente nenhum dos contendores.

Particularmente nas hostes assisistas, foi maior o desagrado, em razão da permanência de Borges de Medeiros no governo do estado. Vai daí que:

“Sentindo-se ainda perseguidos por Borges de Medeiros, muitos dos elementos



Fig 9 – Gen Setembrino de Carvalho e Assis Brasil assinam o Pacto de Pedras Altas, no castelo de mesmo nome, em 14 de dezembro de 1923.



Fig 10 – Borges de Medeiros assina o Pacto, no Palácio Piratini, no dia seguinte, 15 de dezembro de 1923.

oposicionistas passaram a ingressar no Exército ou a estabelecer ligações com a jovem oficialidade revolucionária, isto é, o grupo dos ‘tenentes’. Essas insatisfações acabariam confluindo com as rebeliões tenentistas que grassavam o país desde 1922.”²⁰

6. CONCLUSÃO

A Revolução de 1923 foi inteiramente gaúcha, tanto por seus participantes, por limitar-se ao território do Rio Grande do Sul e não ter havido intervenção (direta) de tropas federais. No curso das operações e das tratativas políticas, novas lideranças foram surgindo. Na área da Fronteira Oeste, destacaram-se José Antônio Flores da Cunha e Oswaldo Aranha, entre os republicanos e João Batista Luzardo do lado rebelde. Estas personagens se evidenciariam mais na Revolução de 1930, vindo a ocupar postos de destaque na Era Vargas.

Não havia militares de carreira em nenhum dos lados, o que levou à adoção de táticas e estratégias ditadas pelo uso e costume ou pela vontade dos comandantes, resultando em decisões que custaram muitas vidas, que poderiam ter sido preservadas.

A mais importante consequência das operações na Fronteira Oeste, além do enfraquecimento dos federalistas, decorre do que não aconteceu e só pode ser imaginado. Como afirmou Flores da Cunha, a tomada de Uruguaiana traria prestígio aos rebeldes e propiciaria a Assis Brasil um território para estabelecer a capital dos maragatos²¹, prolongando a luta ou quiçá, já no terreno das especulações, trazendo um final mais favorável aos revoltosos.

Lista de Figuras e suas fontes

Fig. 1 – Júlio de Castilhos. Disponível em <https://neamp.pucsp.br/liderancas/julio-prates-de-castilhos>

Fig. 2 – Borges de Medeiros. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Borges_de_Medeiros

Fig. 3 – Mapa da Fronteira Oeste (omitido).

Fig. 4 – Honório Lemes. Disponível em <https://www.facebook.com/Olharessobrepelotas/photos/foto-retrato-de-hon%C3%B3rio-lemes-da-silva-1864-1930/2391337887640069/>

Fig. 5 – Flores da Cunha - Disponível em <https://claudemirpereira.com.br/2020/08/artigo-ricardo-ritzle-e-um-guerreiro-que-honra-a-historia-do-rio-grande-jose-antonio-flores-da-cunha/>

Fig. 6 - Flores da Cunha discursa para as forças republicanas, no centro de Uruguaiana. Montagem com fotos obtidas na página Museu Martiniano Benites. Disponíveis em <https://www.facebook.com/Museu-MartimianoBenites/photos/pb.100064992223265.-2207520000/641912762610307/?type=3>

Fig. 7 - Trincheira republicana em Uruguaiana. Disponível em <https://www.facebook.com/MuseuMartimianoBenites/photos/pb.100064992223265.-2207520000/641902559277994/?type=3>

Fig. 8 – Prisioneiros maragatos. Entre eles, o travestido de mulher. PONT, Raul. **Campos Realengos; formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edigal, 1986. 2. Ed. p. 546.

Fig 9 – Gen Setembrino e Assis Brasil assinam o Pacto de Pedras Altas. Disponível em <https://guiada-bombacha.blogspot.com/2010/11/revolucao-de-1923.html> .

Fig 10 – Borges de Medeiros assina o Pacto. Disponível em <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1095064123839790&set=o-tratado-de-pedras-altasa-revolu%C3%A7%C3%A3o-de-1923-foi-um-movimento-deflagrado-no-esta> .

²⁰ MOREIRA, Regina da Luz – **Revolução Gaúcha de 1923** – CPDOC – FGV, disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLUÇÃO%20GAÚCHA%20DE%201923.pdf>. Acesso em 02 set. 2023.

²¹ VILLELA, Urbano Lago et al. **Uruguaiana- imagem viva da terra gaúcha**. Câmara Municipal de Uruguaiana. Uruguaiana:1982. p. 106.

Durante dez meses do ano de 1923, o Rio Grande do Sul experimentou a reedição da Revolução Federalista que tantas vidas lhe roubara há trinta anos. Derramou-se menos sangue, evidentemente, já que a época era outra, mas foi uma luta disputada com o mesmo ardor de 1893.

Os "Libertadores" de (Joaquim Francisco) de Assis Brasil, sucessores diretos de Gaspar da Silveira Martins e dos federalistas, deflagraram uma revolta contra a mesma Constituição castilhistas (de Júlio de Castilhos) permitindo a (Antonio Augusto) Borges de Medeiros reeleger-se sucessivamente, em inteiro desacordo com as normas eleitorais das outras unidades das outras unidades federativas (do país).

Com a missão de pacificar, dada pelo Governo (Artur da Silva) Bernardes, ao Rio Grande do Sul, o Marechal (Fernando) Setembrino de Carvalho que, com habilidade, venceu resistências e alterou a carta magna gaúcha, de tal fato resultando a união das duas correntes oposicionistas.

Na "Revolta dos Libertadores" se entronca a Revolução de 1930. Unidos os partidos riograndenses, juntar-se-iam as forças, até então dispersas, para sublevar o resto do país contra os princípios da presidência pessoal, das oligarquias regionais e dos conluíus que as protegiam e sustentavam.

Torna-se indispensável conhecer os detalhes da revolta de 1923 para se compreender os movimentos posteriores.

O "Velho Borges"

Enquanto os demais Estados tinham oportunidade de bons e maus governos, mas sobretudo governos novos, o Rio Grande do Sul, desde 1898, vinha submetido aos arbítrios paternalistas de Antônio Augusto Borges de Medeiros, sucessor de Júlio de Castilhos em duas presidências: do Rio Grande e do Partido Republicano, a principal força política local. Borges só tivera interrompida a sua gestão por Carlos Barbosa Gonçalves, que ocupara, sob seu o patrocínio, o Palácio Piratini, de 1908 a 1913.

Desatento ao movimento de renovação dos destinos do país, Borges de Medeiros não cogitou de apresentar um candidato novo ao se aproximar a eleição de 25 de novembro de 1922, que apontaria o chefe do governo gaúcho, no período de 1923 a 1928. Se o fizesse, o Estado continuaria pacificado, embora persistisse o dispositivo constitucional que autorizava a reeleição condicional e sucessiva, desde que o Presidente contasse com 3/4 dos votos do eleitorado.

O objeto da oposição a Borges era a ânsia de renovação que sacudia os pagos. Entendiam os "Libertadores" que o Rio Grande do Sul precisava aspirar novos ares e se pôr em dia com o progresso.

Silencioso até três meses antes das eleições Borges, indiferente ao clamor dos adversários, movimentou sua grande máquina política para apresentar-se novamente candidato, desapontando a seus próprios correligionários. O quadro sucessório definiu-se com a escolha, pela "Aliança Libertadora" (legenda que agrupava os antigos federalistas ou "maragatos"), de Joaquim Francisco de Assis Brasil, prestigioso chefe oposicionista.

Vitorioso novamente

Comenta Alzira Vargas do Amaral Peixoto (filha de Getúlio Vargas):

"Na 'República Velha', o voto só era secreto para os eleitos. Cada eleitor 'livre e soberano', já recebia, devidamente fechado e sacramentado, seu envelope, contendo o nome que mais agradava o 'coronel', chefe político ou cabo eleitoral. As atas oficiais eram feitas 'em cima da perna' e a vitória era proclamada conforme as conveniências"...

Propalou-se, à boca pequena, depois de realizado o pleito, no Rio Grande, que este não fora favorável a Borges, "que não obtivera a maioria, os 3/4 exigidos". Falou-se até que a "Comissão de Constituição e Poderes" da Assembleia dos Representantes, constituída pelos deputados Getúlio Dorneles Vargas, Ariosto Pinto e José Vasconcelos Pinto, dirigira-se ao Presidente

do Estado para dar-lhe ciência da derrota inesperada e que ele a recebera como portadores dos votos de felicitações, calando-lhes, assim, a notícia desagradável. Depois disso - prosseguiram os boatos - se recorreu à alquimia eleitoral, à manipulação das cifras, à anulação das atas...

Os procuradores de Assis Brasil, A. de Moraes Fernandes e Alberto do Rego Lins, diriam depois:

"que a suspeita comissão substituíra as atas verdadeiras por outras evidentemente falsificadas, depurando-se votos legítimos dados ao candidato da oposição, atribuindo a Borges votos dos ausentes e dos defuntos, e subtraindo-se nada menos de 6.317 votos assisistas".

A vitória de Borges, dos protestos, foi assim configurada: Borges, 106.319 votos; Assis Brasil, 32.217 votos; outros votados, 23. Total: 138.536. Para que (Assis) Brasil atingisse a quarta parte dos sufrágios, precisaria de 34.639 votos, ou seja, 2.422 a mais do que obteve. Quanto a Borges, teria atingido os 3/4 da votação com 96.720 votos.

Em face de sua votação registrou-se uma sobra, a seu favor, de 6.599 sufrágios. Tudo isso constava do parecer dado pela Comissão por Getúlio Vargas.

Embora se tentasse uma fórmula conciliatória, a fim de instaurar um novo Tribunal Arbitral para a apuração, tal projeto fracassou em vista da recusa de Artur Bernardes em servir de árbitro, pois a Constituição lhe conferia atribuições e deveres cujo exercício podia colidir com aquela elevada incumbência.

O Governo Federal, que tinha velhas contas a ajustar com Borges de Medeiros, em vista de este ter integrado a "Reação Republicana" que tanto lutara contra a eleição do candidato mineiro, viu-se tácitamente, a reconhecer como válida a reeleição do poderoso inimigo, desapontando a oposição local que contava com seu auxílio para a batalha eleitoral.

Ao tomar posse, Borges explicava aos gaúchos que as alegações da "Aliança Libertadora" sobre a pretensa ilegalidade de sua eleição eram destituídas de fundamento. E dizia:

"Votaram 138.598 eleitores e deixaram de votar 129.092, num total de 267.690. Os 3/4 desse total são 200.766 votos. Votaram em mim, 106.360 eleitores. Para os opositoristas, eu não estaria reeleito porque, em vez de 200.766, obtivera apenas 106.360 votos. Todavia, quando a Constituição fala dos 3/4 dos sufrágios, quer se referir ao eleitorado ativo, isto é, ao que comparece e vota, e não ao eleitorado inscrito, total, do qual uma grande parcela deixa de votar...".

As explicações não satisfizeram aos opositoristas e um vento de intranquilidade correu novamente o Rio Grande do Sul de ponta a ponta. Numa última tentativa de obter o apoio de Artur Bernardes para a anulação do pleito embarcaram para o Rio de Janeiro alguns chefes da "Aliança Libertadora". Mas, quando lá estavam, encetando negociações, a luta rebentava no Sul. Seus partidários federalistas voltavam à carga.

A Rebelião

Durante os trezentos dias em que se lutou novamente no interior gaúcho, não se registrou um só combate decisivo. Foram combates dispersos pelas campanhas rio-grandenses, correrias e tiroteios, sem assinalarem encontro de forças consideráveis. Os rebeldes de 1923, a princípio, esperaram a intervenção de Bernardes a seu favor, mas quando essa esperança se desvaneceu, adotaram a estratégia de ganhar até que se apresentasse uma oportunidade para uma paz honrosa, oportunidade esta que o próprio Bernardes se encarregou de fornecer.

Os guerreiros de 1923 portaram-se como civilizados. Foi uma volta que não deixou de ser humana. A prática odiosa de matar prisioneiros foi raramente empregada e sempre à revelia dos chefes mais responsáveis. É que predominou nessa luta civil uma geração que se criou na repugnância às monstruosidades praticadas em 1893, embora contasse com a ajuda de muitos dos responsáveis pela selvageria, tal como o negro Adão Latorre, célebre degolador da coluna de Gumercindo Saraiva.

"A narrativa dos acontecimentos de 1923 — ensina o historiador Artur Ferreira Filho, autor da "História Geral do Rio Grande do Sul" — deve ser feita, não no sentido rigorosamente cronológico de seu conjunto, mas segundo as ocorrências de cada região, separadamente".

É o que faremos, tomando o roteiro desse autor por base.

Na Região Norte

A luta na Região Norte arrastou-se de 8 de janeiro a 4 de julho de 1923. Foi a primeira zona convulsionada, onde os caudilhos Leonel Rocha e Menna Barreto mobilizaram dois mil revolucionários, precariamente armados, nos municípios de Palmeira (das Missões), Cruz Alta, Passo Fundo e Erechim. Menna Barreto ameaçou primeiramente Passo Fundo, guardada por uma companhia da Brigada Militar, sob o comando do Ten Cel João Cândido Machado e pelo Corpo Provisório do Ten Cel Edmundo de Oliveira. Dias depois, o Cel Salustiano de Pádua, chefe oposicionista de Carazinho, levantou-se em armas e juntou-se às forças que sitiavam aquela cidade. As tropas rebeldes foram dispersadas pela Brigada, que acorrera a Passo Fundo comandada pelo Gen Firmino de Paula.

Enquanto isso, Leonel Rocha assediou Palmeira, sendo repellido pelo Ten Cel Valzumiro Dutra, e cercou Estância Velha. Nos primeiros dias de fevereiro, a revolução alastrara-se em todo o Norte do Estado, apesar dos esforços de Firmino de Paula que derrotara os rebeldes onde e quando podia.

Em 18 de março, o "caudilho" Felipe Portinho atacava a vanguarda do Cel Firmino Paim Filho, que acampara no Capão Bonito com dois corpos provisórios. Felipe perdeu vários homens entre mortos e feridos. Retraindo-se para a Serra do Erechim, o chefe rebelde reorganizou a sua coluna com a incorporação de simpatizantes de diversas procedências e armamento mandado por gente do Rio, São Paulo e Santa Catarina.

Leonel Rocha mantinha acesa a luta em Palmeira e a 4 de junho reuniu todos os contingentes revolucionários da região e atacou a vila, recuando novamente e sofrendo graves perdas justamente quando os defensores da praça queimavam os últimos cartuchos.

Na Zona do Oeste

"Na zona do oeste a luta foi mais movimentada, quase por imposição do meio físico, em que predominam as campanhas abertas e rareiam as serras e matas que, no norte do Rio Grande, ocultavam a presença dos lutadores" (Artur Ferreira Filho).

O caudilho Honório Lemes, o mais popular dos chefes revolucionários de 1923, rebelou-se (na região de) Vacaiquá, assumindo a função de general, que lhe tinha sido dada em Alegrete. Dessa região, mandou ocupar Rosário e Quaraí, então desguarnecidas, e marchou para Uruguaiana, com o duplo objetivo de conquistar a importante cidade e, ao mesmo tempo, assegurar uma porta aberta para a vizinha Argentina.

Era intendente (prefeito) de Uruguaiana o chefe político José Antônio Flores da Cunha que, meses antes da deflagração da luta e prevendo sua inevitabilidade, adquirira em Buenos Aires 400 carabinas "Mausers" e 120 mil cartuchos calibre 7,65, armando um corpo provisório que visava a auxiliar a diminuta força da Brigada Militar ali sediada em caso de a cidade ser atacada pelos revolucionários. A 30 de março Flores da Cunha, comissionado em coronel, batia, com os "Fronteiros da República" (unidade que tanto destaque adquiriria no correr dos combates), um pelotão revolucionário, não logrando, porém impedir que a força principal, de dois mil homens, sitiesse Uruguaiana de 4 a 6 de abril. O efetivo de Uruguaiana não chegava a 400 homens. No entanto, entrincheirou-se a cidade e resistiu heroicamente aos ataques, forçando a retirada de Honório Lemes, numa manobra que decretou a sorte da revolução.

Em São Borja, Getúlio Dorneles Vargas, a esse tempo já eleito para a Câmara Federal, recebera a incumbência de organizar um corpo de provisórios, (o qual) deveria marchar em direção a Itaqui, onde Oswaldo Aranha estava sitiado pelo inimigo. Vargas conseguiu reunir algumas dezenas de homens, armados com lanças obsoletas, revólveres e punhais, saindo à noite para cumprir a missão. Na manhã seguinte, o acampamento em que a tropa repousava, alegrou-se, enquanto o chimarrão circulava, narrando os soldados improvisados suas façanhas de 93 ou antevendo as que esperavam realizar naquele ano de 1923.

Um dos gaúchos, que sabia a delicadeza da missão, fitava os companheiros, pensativo, apoiado numa árvore. Chegou-se depois a Getúlio e disse: "Tá vendo? Toda essa gente se rindo? Nem sabem que vão morrer amanhã...". Vargas, surpreso, perguntou-lhe: E você? Não vai também...? Mas eu sei...respondeu ele.

A filosofia rude e brava do gaúcho mais uma vez se demonstrava...

Essa missão guerreira do homem que mais tarde dominaria a política do Brasil foi suspensa por dois motivos. Seus serviços mais úteis a Borges de Medeiros na Capital Federal. Devendo assumir, na Câmara dos Deputados, a cadeira para a

qual fora eleito, na vaga de Rafael Cabeda. E quanto a Oswaldo Aranha, conseguira escapar do cerco, indo reunir-se a Flores da Cunha, em Uruguaiana.

Assegura Antônio Cademartori que foi a vanguarda de Honório Lemes que acabou, na verdade, com a atividade bélica de Vargas, "tendo êste sido obrigado a bandear o Rio Uruguai e pedir refúgio em Santo Tomé (Argentina), de onde, depois, apareceu no Rio de Janeiro, como líder de nossa bancada..."

Santa Maria Chico

Depois da retirada de Uruguaiana, Honório Lemes retraíra-se para a Serra do Caverá, esperando a junção das forças dos generais revolucionários Estácio Xavier de Azambuja e José Antônio Neto ("Zeca Neto") a fim de, conjugados, derrotarem os Coronéis Claudino Nunes Pereira e Flores da Cunha. Antes, porém, que essa união se verificasse, Estácio sofreu desses chefes legais seríssima derrota em Santa Maria Chico, município de Dom Pedrito, no dia 15 de maio.

As perdas revolucionárias foram pesadíssimas. Além de centenas de homens, os legalistas apreenderam dois mil cavalos, carroças, "aranhas" (espécie de tálburi) e mantimentos. Entre os mortos rebeldes estava Adão Latorre, o bárbaro uruguaio responsável, em 1893, pelo degolamento em massa realizado no Rio Negro.

Daí por diante, a luta no oeste traduziu-se numa perseguição sem trégua empreendida pelo "impossível Flores da Cunha" (julgamento a seu respeito por parte do Cel Claudino) contra Honório, que evitara o combate, apenas lutando nas ocasiões favoráveis. O chefe revolucionário entrou em São Gabriel, travou uma luta contra a vanguarda de Flores na Serra do Caverá, perdendo oficiais e praças, e dali rumou para Alegrete, de onde foi desalojado pelo mesmo Flores, num entrevero sangrento em que a ponte do Ibirapuitã serviu de túmulo para bravos como o Major Guilherme Flores da Cunha e Tenentes-Coroneis-Maurício de Abreu e Gabriel Timbaúva, êstes federalistas.

A 4 de agosto, em Vista Alegre, republicanos e rebeldes novamente lutavam. Mortos de parte a parte. A 22 de agosto, Honório entrou na cidade de Dom Pedrito, precedido de uma vanguarda sob o comando de Batista Luzardo. Alguns dias depois, uma coluna, a de Nepomuceno Saraiva e Miguel Cunha Sobrinho, separou-se indisciplinadamente do grosso da Brigada do Oeste e foi completamente derrotada nos históricos campos de Ponche Verde. As baixas governistas somaram vinte mortos e dezenas de feridos, entre os quais o grande poeta Alceu de Freitas Wamosy, que veio a falecer logo em seguida. Ele se alistara entre os voluntários das tropas legalistas, cabendo-lhe o posto de alferes-secretário, posição esta que lhe teria permitido ficar na retaguarda. Todavia, temperamento ardente, Wamosy foi à frente, para a luta corpo a corpo com os revolucionários lendo, nos intervalos da luta, seus poemas prediletos. Casou-se, como informa José Egydio Farinha, "in extremis" com a musa de seus versos e morreu entre lágrimas de sua mãe e da esposa. Foi nesse combate que, conforme se refere Flores da Cunha em seu livro sobre "A Campanha de 1923", Batista Luzardo teria chacinado friamente soldados feridos que encontrara abandonados numa carroça, bem como mandado degolar sumariamente vários uruguaios que serviam nas forças republicanas. Porém, os revolucionários negam o fato, creditando a informação de Flores à paixão política: "Batista Luzardo" — afirmam "seria um homem incapaz de uma ação tão monstruosa e cruel, pois que sempre demonstrou bravura, galhardia e generosidade para com o adversário".

Em fins de setembro, o caudilho Lemes, depois de tomar Quaraí, incursionou pela região missioneira, transpondo o Rio Ibicuí no Passo do Catarina. Sua vanguarda, comandada pelo Cel Hortêncio Rodrigues, atacou São Francisco, guarnecida apenas pela polícia municipal. O intendente desse município, Carlos de Oliveira Gomes, reuniu correligionários e procurou resistir espartanamente ao ataque desigual, ao fim do qual pereceu, juntamente com 28 companheiros. O sangue desses bravos espalhou-se por toda a parte, manchando trincheiras, calçadas, portas, telhados.

Brigada Missioneira

Após penetrar em Santiago, Honório recebeu a adesão da chamada "Brigada Missioneira" e, sempre pressionado por Flores da Cunha, cruzou céleremente São Luís, combatendo, em Itaroqué, com o Ten Cel Raimundo Gomes Neto; em Santana, com Nepomuceno Saraiva; em Carajázinho, com Flores da Cunha. Encerrou sua passagem pelas coxilhas missioneiras repassando o Ibicuí no Passo da Lenheira, e sendo ali atacado pelo Ten Cel Amadeu Massot.

Flores alcançou o revolucionário em Olhos d'Água, município de São Gabriel, travando outro renhido combate onde, além de ser ferido, caiu prisioneiro de Lemes o Major Leônidas de Barros, sendo mortos os Capitães Gregório Salgado e Otacílio Hamilton.

Novamente, no Passo da Armada, Honório foi alcançado. Abrigando-se nas matas marginais e nas barrancas do rio, ofereceu séria resistência, mas terminou abandonando a posição ante a ameaça de envolvimento por parte de um corpo legalista que transpusera o curso d'água, sôbre o local do combate. A Brigada de Flores da Cunha teve dois oficiais e onze praças mortos e igual número de feridos. Os revolucionários, 27 mortos e 10 feridos. Sobrevindo o armistício, Honório acampou em Santa Rita, município de Livramento. Permaneceu aí, vigiado por Flores, até a assinatura da paz.

Contestam os revolucionários, todavia, a versão dos historiadores, segundo a qual Honório Lemes teria sofrido derrotas diante de Flores da Cunha. Antônio Ribeiro Cademartori informa, por exemplo,

"que Honório Lemes, cuja memória é venerada por milhares de gaúchos, jamais foi batido em combate por forças ao comando de Flores da Cunha ou por outras quaisquer em atividade. Perseguido noite e dia, quase sem descanso, Honório Lemes mereceu os mais francos elogios, quer de seus correligionários, quer dos próprios adversários, por sua conduta e por suas qualidades de ganhador".

A Posição de Bernardes

Artur Bernardes assumira o poder com um acervo indesejável: efervescência política e permanente ameaça revolucionária em quase todo o país. A isso se juntava uma não menos grave crise econômico-financeira e a sua reconhecida impopularidade. Homem de luta, o ex-presidente mineiro não quis saber de apaziguamento dos espíritos; conservou presos os adversários, reprimiu a imprensa e mergulhou o Brasil num permanente estado de sítio, desmontando, além disso, as máquinas políticas dos governos estaduais que lhe tinham sido adversos.

No caso do Rio Grande do Sul, a situação não deixava de ser singular. O Partido Republicano havia sido força atuante da "Reação Republicana" e, portanto, um inimigo, que continuava a mandar num dos mais importantes Estados da Federação. Todavia, ao contrário de outros Estados, o Rio Grande do Sul tinha nos republicanos borgistas a sua maior força política, a única capaz de assegurar um apoio eficiente ao Governo Federal na sua administração. Viu-se, assim, Bernardes, praticamente obrigado — ao levar em conta o bem público — a reconhecer o ato da Assembleia dos Representantes que proclamara reeleito o Sr. Borges de Medeiros, um reconhecimento que foi ao mesmo tempo uma ducha fria e um espicaçamento no ânimo dos libertadores, levando-os, no primeiro momento, a desanimar, e depois à luta armada.

Não registram os depoimentos da época nenhuma prova de que Bernardes tivesse mandado o Exército ajudar os revolucionários, embora guardasse para si uma indispensável simpatia pela causa de Assis Brasil. Todavia, com o correr dos dias, acelerando-se a degradingolada dos revolucionários, de contingentes reduzidos em relação aos legalistas, estes mais bem armados e de moral mais elevada devido aos contínuos sucessos, temeu o Governo central que a rebelião se alastrasse numa cruenta guerra civil. Quis, aí, com o envio de "pacificadores", atingir um duplo objetivo: ajustar as contas com Borges sem, no entanto, tirá-lo do poder, e evitar prosseguimento da luta, assegurando-se uma paz honrosa para os adversários, mas dando uma coloração de vitória aos libertadores, com o atendimento de suas reivindicações através de um acordo, para compensá-los do esforço frustrado nos de batalha.

Assim, foi primeiramente enviado o antigo Ministro da Justiça e então juiz do Tribunal de Contas Augusto Tavares de Lira que, apesar de dado por suspeito por suas anteriores ligações com os republicanos, iniciou os debates entre os contendores, tornando possíveis os entendimentos que culminariam, posteriormente, com a assinatura do "Acordo de Pedras Altas", realizado pelo seu sucessor Marechal Fernando Setembrino de Carvalho, que se notabilizara nas campanhas do Ceará e do Contestado, sendo gaúcho de nascimento e elemento mais ou menos equidistante das correntes em choque na sua terra natal.

Antes de seguir para o Sul, Setembrino avistou-se com Assis Brasil, então no Rio, colhendo opiniões e preparando-se para a árdua missão. Em Pôrto Alegre, quando se entendia com Borges de Medeiros registrou-se, em frente ao seu hotel, uma tropelia, em que manifestantes trocaram tiros com a polícia. Voltou-se ele e disse para Borges:

"Mas sua polícia está matando o povo...!". E recebeu como resposta: "A polícia está cumprindo com o seu dever e defenderá a ordem seja contra quem for".

O Centro das Divergências

A Constituição de 14 de julho de 1891, redigida por Júlio de Castilhos, continuava a ser o centro das divergências entre republicanos e libertadores. Estes dirigiam suas queixas principalmente contra o dispositivo da reeleição, que permitira a Borges manter-se no poder por tanto tempo; contra o fato de caber ao presidente do Estado a escolha do vice; contra o direito de o Executivo também exercer a função legislativa, deixando-se à Assembleia dos Representantes unicamente a prerrogativa de regular matéria orçamentária.

Para não ferir o orgulho dos contendores Setembrino, que era Ministro da Guerra de Bernardes, procurou fazer com que cada qual transigisse um pouco. Enquanto parlamentava, sendo bem recebido por todos, a luta continuava acesa. Voltemos a ela.

Na Região Nordeste

Na região Nordeste verificou-se a invasão, através do Rio Pelotas, por grupos a mando de Fabrício Vieira que, depois de derrotados em Invernada Velha, passaram para Santa Catarina. As forças de outro chefe rebelde, Cel Belisário Batista, foram derrotadas em "Apanhador Rapôso", quando se preparavam para invadir Caxias (do Sul). A 23 de junho, Firmino de Paula ocupou Boa Vista do Erechim, depois de empenhar suas tropas contra as do Gen Portinho, que pretendia obstar-lhe a passagem. Ao mesmo tempo, o Cel Demétrio Ramos, veterano revolucionário de 93, invadia Vacaria e travava combate com um dos corpos do Cel Firmino Paim. A força legal teve cinco mortos, entre eles o Cap Jovino Santana, perdendo os rebeldes oito homens.

Em princípios de setembro, convergiram sobre Erechim, com a missão de expulsar o Gen Felipe Portinho, duas brigadas de provisórios. Portinho tratou de livrar-se das forças que o assediavam, sustentando vários encontros de pequena monta, em Quatro Irmãos, Lagoa Vermelha, Passo do Manuel Leão e Morro Agudo. Nesse fim de setembro, os arroios transbordavam, dificultando a marcha das colunas. Ao transpor o Rio das Contas, na divisa de Santa Catarina, Portinho ofereceu, pela primeira vez, resistência séria à Coluna Paim Filho, que o perseguia desde Erechim. Nesse ambiente cerrado, em meio à chuva contínua, os revolucionários abrigaram-se em cercas de pedra, em posição vantajosa relativamente à dos atacantes que, para desalojá-los, avançavam a descoberto. Ao cair da noite, Paim havia expulsado o inimigo para o Estado vizinho, mantendo-se este em Santa Catarina até que, com o armistício, regressou a Bom Jesus.

Durante o armistício, que durou de 7 de novembro a 14 de dezembro, houve várias violações da trégua, sendo Bom Jesus ocupada duas vezes pelos revolucionários e duas pelos republicanos. A razão principal dessas quebras foi a conduta de chefes rebeldes, como Fabrício Vieira os quais, na ausência do Gen Portinho, arrebanharam o gado de pacíficos fazendeiros, para utilizá-lo ou vendê-lo aos matadouros catarinenses, a fim de manter sua tropa.

No Centro-Sul

Como figuras exponenciais da luta na zona centro-sul são citados o Gen Estácio Xavier de Azambuja, veterano de 93, membro de tradicional família rio-grandense e o Cel Claudino Nunes Pereira, do lado governista. A coluna rebelde, que se denominava "Terceira Divisão do Exército Libertador", era constituída de elementos de Bagé, Dom Pedrito, Lavras, Caçapava e São Gabriel. O que a oposição possuía de mais destacado e de representativo nessas cidades fazia parte das fileiras revolucionárias.

Como vimos, Estácio, a 15 de maio, sofrera esmagadora derrota em Santa Maria Chico. Posteriormente, já um pouco refeito do revés, reuniu-se a Zeca Neto e juntos penetraram em Pinheiro Machado. Após muitas marchas e contramarchas, tendo-se desligado de Zeca Neto, sustentou o Gen Estácio Azambuja ligeiros combates com a Brigada Claudino, ocupando por diversas vezes Lavras, São Sepé e Caçapava, ao fim dos quais emigrou para o Uruguai, de lá voltando às vésperas do armistício. Sua coluna sempre contara com pouquíssimos recursos, não podendo, assim, engajar grandes combates.

Zeca Neto

Quanto ao Gen José Antonio Neto, que operou na região Sul, entrou na Revolta dos Libertadores aos 72 anos e demonstrou tal capacidade de agir e de movimentar tropas, que fez lembrar a sua atuação na Revolução Federalista, quando servira como tenente-coronel.

Comandando a Quarta Divisão do Exército Libertador, "Zeca Neto" destacou-se pela incrível rapidez com que fugia e desnor-teava as colunas legais, principalmente as dos Tenentes-Coronéis Hipólito Ribeiro Filho e Francelísio Meireles, componentes da Brigada Juvêncio Lemos. A 2 de abril deixava São Jerônimo e a 15 entrava novamente em Camaquã, depois de passar pela Vila de Dores. Abrindo uma picada nas margens do Camaquã, surpreendeu a retaguarda do Ten Cel Lucas Martins, que o pretendia atacar no Passo do Mendonça, travando-se violento combate com avultadas perdas para os dois lados. Zeca Neto, porém, atingiu a seu objetivo: transpor aquele caudaloso rio, cujos passos estavam guarnecidos pelas tropas legais. Logo, com a mesma rapidez de marcha, ocupou novamente Canguçu e Piratini mantendo, durante meses, um jogo de esconde-esconde com a Brigada Juvêncio Lemos, nunca se deixando surpreender, mas sempre inquietando o inimigo, inseguro de seu destino.

Ao se aproximar o fim da revolução, realizou o caudilho a sua maior façanha: surpreendeu e tomou Pelotas, mantendo-a por quatro dias. Iniciando o ataque às duas da madrugada, venceu a resistência da pequena guarnição local e fez sua entrada triunfal na cidade pela manhã, a pé, liderando um cortejo de moças da melhor sociedade pelotense, que o acompanhou até a residência do chefe libertador local. Muito embora os historiadores considerem que a ocupação de Pelotas não foi, rigorosamente, uma vitória das armas revolucionárias, primeiro pela disparidade das forças oponentes e também pelo fato de Zeca Neto não ter conseguido dominá-la inteiramente, visto que se manteve de pé um núcleo de resistência legalista acantonado na Sociedade Agrícola até a retirada dos libertadores, não há dúvidas de que foi um êxito político, porque, na rica cidade, Zeca Neto contava com inúmeros simpatizantes, que o proveram de víveres e munições de que tanto necessitava.

Uma outra façanha desse velho guerreiro, alcunhado, pela rapidez de seus movimentos, de "Zeca Veado", nos é referida por Antônio Ribeiro Cademartori:

"Como ainda se devem lembrar pessoas de Porto Alegre, o Diretório Municipal Libertador pusera em exposição, na vitrina da loja "Preço Fixo", uma espada de ouro, destinada ao primeiro general revolucionário que entrasse na Capital. Pois bem: acompanhado somente de alguns oficiais de sua confiança, Zeca Neto, acampado em Torres, foi buscá-la à noite, utilizando-se de uma lancha para a arriscada empresa...".

Uma outra coluna menor, chamada "Divisão de Santana", do Cel Francisco Venceslau Pereira, operou na zona fronteira de Livramento e Quaraí, sustentando pequenos combates e sendo derrotada, a 5 de junho, na Picada do Aipo, por Flores da Cunha. Às vésperas do armistício, ocupou Lavras, onde aguardou a pacificação.

Outros Setores

Noutros setores a luta não teve tanto significado. Em Osório, o Cel Luís Gomes, que pretendia apoderar-se da localidade, foi repellido pelo Cel Reduzino Pacheco. Esse mesmo coronel revolucionário, acompanhado de Francisco Marinho, travou ligeiros combates com as tropas legais em Cidreira, Lagoa dos Barros, Roça Velha, Passarinhos e Barra do Ouro. A 3 de novembro, Mariano Pedroso foi derrotado em Bento Gonçalves pelo Ten Cel Elisário Paim Neto, da Brigada Provisória.

A Pacificação

Os esforços do Ministro Setembrino de Carvalho não foram em vão. A 7 de novembro assinava um acordo provisório de armistício, conseguindo que, a 14 de dezembro de 1923, se estabelecesse a paz definitivamente no Rio Grande do Sul através do Acordo de "Pedras Altas" (nome da estância de Assis Brasil, local de encontro dos representantes republicanos e libertadores).

Atendendo à inspiração de Bernardes e a seu duplo objetivo, já referido, tal acordo prescrevia que Borges de Medeiros continuaria no poder, encerrando seu mandato em 1928, mas atendendo ao compromisso de reforma constitucional (não mais reeleições e indicação, por voto popular, do vice-presidente do Estado e dos intendentes municipais). Transigiu Assis Brasil, abandonando a ideia da renúncia de Borges e este também abriu mão de suas exigências de intocabilidade da constituição gaúcha.

Em novembro de 1927 elegia-se Getúlio Vargas, como candidato de conciliação, Presidente do Rio Grande do Sul, tomando posse em janeiro do ano seguinte. Borges entregava o cargo e encerrava a sua carreira de ditador vitalício da política republicana.

COMENTÁRIO

J DÃO NEVES da Fontoura descreve, no 1º volume das suas memórias, o que foi "Borges de Medeiros e seu tempo" e narra os principais acontecimentos de tão longo período governamental — único na vida republicana brasileira — findo em 25 de janeiro de 1928 com a posse de Getúlio Vargas no cargo de Presidente do Rio Grande do Sul.

Cinco anos após a assinatura do Acordo ou Pacto de Pedras Altas, se extinguiu, em terras gaúchas, o Predomínio borgista, do ditador dos Pampas. Terminava, naquela data, o governo de "Antônio Chimango", herói-título do poemeto campestre de Ramiro Barcelos, escrito sob o pseudônimo de Amaro Juvenal, que é uma sátira impiedosa à figura singular de Borges de Medeiros, revivida, mais tarde, por Homero Prates, que relatou, na "História de Dom Chimango", a Revolta dos Libertadores, agora recontada por Glauco Carneiro neste capítulo.

Na realidade, as inclinações do velho cacique inicialmente não foram para Getúlio. Para a sua sucessão Borges de Medeiros primeiro lugar, no nome de Sérgio Ulrich de Oliveira; depois, em João Neves, Osvaldo Aranha e Flores da Cunha, nomes que foram sendo postos à margem por diversos motivos. A escolha recaiu, por último, em Vargas.

É ocioso conjecturar se Borges de Medeiros — nos seus intermináveis solilóquios, desde a época do ostracismo voluntário de Irapuázinho até nas noites recifenses do desterro de 1932 — teria indagado qual o rumo dos acontecimentos políticos do Brasil se ele, Borges, houvesse indicado outro nome para seu substituto.

Os "libertadores", porém, que formaram a "Frente Única" e romperam, depois, com Getúlio, devem ter considerado que, afinal de contas fora por causa da sua revolução que Vargas ascendera à Presidência do Estado e dela partira para governar o Brasil, pelo "curto espaço" de quinze anos, proscrevendo, da vida nacional, os dois partidos tradicionalmente rivais e eliminando, do cenário político, tanto os borgistas como os assististas e, de resto, todas as agremiações, forçadas, assim, a um longo recesso em suas atividades.

Tudo porque os políticos brasileiros, no seu anseio de "mudar para melhorar", costumam obter, com os cálculos mais certos, os resultados mais errados.

AS MALVINAS SÃO ARGENTINAS

Em 22 de maio de 1774, Francisco de Orduña, em nome do vice-rei do Rio da Prata, tomou posse das Malvinas.



As Ilhas Malvinas foram descobertas em 1520 pela tripulação do navio espanhol "San Antonio" da expedição de Hernando de Magalhães. Em 1764, o marinheiro francês Louis Antoine de Bougainville tomou posse das ilhas em nome do rei Luís XV, chamou-as de Malouines (por ter nascido em Saint-Malo) e fundou uma cidade que chamou de Port-Louis.

Diante da reivindicação do governo espanhol, a França reconheceu os seus direitos. Bougainville viajou para Buenos Aires, de onde em 28 de fevereiro de 1767 partiu uma esquadra hispano-francesa carregando o primeiro governador do arquipélago, o capitão do navio Felipe Ruiz Puente. No dia 1º de abril, a bandeira espanhola substituiu a francesa em Puerto Soledad, nome adotado pela população.

Em 23 de janeiro de 1765, o Comodoro John Byron, que comandava uma esquadra inglesa, desembarcou na pequena ilha de Trinidad, ao norte da Grande Malvina, onde tomou posse, em nome do rei George III, de um porto natural que chamou de Egmont. . Quando as autoridades espanholas souberam da presença inglesa nas ilhas, queixaram-se ao seu governo, que não concordou em evacuá-las.

Em 1768, o governo espanhol decidiu enviar uma esquadra ao Rio da Prata para expulsar os ingleses. Somente em dezembro de 1769 os espanhóis conseguiram descobrir a localização do posto inglês, denominado Fort George, em Port Egmont.

Uma força de exploração composta por uma fragata e um chambequín reconheceu aquele local em 20 de fevereiro de 1770.

Em 11 de março de 1770, a expedição comandada pelo capitão do navio Juan Ignacio de Madariaga partiu de Montevideú. Era constituída pelos seguintes navios:

- Fragata "Industria", com 28 canhões, sob o comando direto do comandante da força.
- Fragata "Santa Bárbara", com 26 canhões, capitão da fragata José Díaz Veanez.
- Fragata "Santa Catalina", com 26 canhões, capitão da fragata Francisco Rubalcava.
- Fragata "Santa Rosa", 20 canhões, Tenente Francisco Gil y Lemos.
- Chambequín "Andaluz", 30 canhões, capitão de fragata Domingo Perler.
- Bergantín "San Rafael", piloto Crispín Francisco Díaz.

O esquadrão era tripulado por 1.075 homens.

Nele embarcaram 260 granadeiros do Regimento de Infantaria de Maiorca, sob as ordens do Coronel Antonio Gutiérrez. Havia também uma bateria de pouso com 2 canhões de 8 libras, 5 canhões de montanha e 2 obuseiros.

O governador de Buenos Aires, tenente-general Francisco de Paula Bucarelli, impôs a missão de expulsar os ingleses dos domínios de Sua Majestade Católica.

Durante a navegação, uma tempestade separou a nau capitânia do resto do esquadrão. A fragata "Industria" chegou então sozinha ao Porto Egmont, onde ancorou no dia 3 de junho. Havia a fragata inglesa "Favourite", com 16 canhões, sob o comando do capitão William Malby. No comando do Forte George estava o capitão George Farmer, que tinha 4 canhões de 12 libras e 6 menores.

Madariaga decidiu aguardar a chegada do restante do elenco e entabulou negociações com os ingleses. No dia 6 de junho os outros navios finalmente chegaram. No dia seguinte, a

